

Jornalismo Literário: Uma análise das reportagens da Revista Piauí¹

Deise Graciosa PAGOTTO²

Sonia Regina Schena BERTOL³

Universidade de Passo Fundo – UPF, Passo Fundo, RS

Resumo

Compreender a linguagem literária no jornalismo como uma maneira de contar histórias e de descrever fatos é a principal intenção deste trabalho. Para tanto, este estudo busca o referencial teórico que trata da relação entre o jornalismo e a literatura, e a partir disto trabalha-se com uma análise dos elementos característicos literários nos relatos noticiosos da revista *Piauí*, através do conceito de Estrela de Sete Pontas cunhado pelo autor Felipe Pena (2016). Para abordar o tema, o trabalho faz uma retomada nas conceituações teóricas e busca evidenciar o modo que é usada a linguagem literária e como pode se tornar atrativa. Desse modo, o jornalismo literário que se encontrou nas páginas da Revista Piauí justamente apresenta-se como um jornalismo que se preocupa em contextualizar a informação, através de sentimentos e emoções, sem deixar de lado o fato, o momento e a divulgação da realidade.

Palavras-chave: Estrela de Sete Pontas; Gêneros Jornalísticos; Jornalismo literário; Revista *Piauí*.

Introdução

O atual cenário do jornalismo convencional, com toda a sua lógica de leads⁴ e pirâmide invertida, tem despertado o interesse no estudo de um estilo do jornalismo que ainda não é tão discutido entre os estudantes e mestres de comunicação: o Jornalismo Literário. No cenário da sociedade contemporânea, atual, o excesso de trabalho, a grande necessidade de imediatismo e a falta de tempo não facilitam o processo de construção de textos com características literárias. A predominância de informações menores e

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada do Curso de Jornalismo (Bacharel), Universidade de Passo Fundo – UPF, e-mail: deise.pagotto@gmail.com.

³ Trabalho orientado pela Doutora em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Universidade de Passo Fundo- UPF, e-mail: sobertol@upf.br.

⁴ Lead, ou também chamado lide, refere-se ao primeiro parágrafo texto jornalístico, contendo as respostas às seis perguntas consideradas básicas ao texto: o que, quem, quando, onde, como e por quê? (PENA,2016, p.15).

fragmentadas são justificadas pela ideia de que leitores não gostam e estão sem tempo para ler, transformando assim assuntos e temas de relevância em pequenas notas e notícias sem aprofundamento.

É marca do estilo literário utilizar os recursos ligados à literatura, transmitindo assim, emoções e sentimentos. Com o intuito de detalhamento e aprofundamento dos assuntos cotidianos, este jeito de fazer jornalismo se distingue no modo de se apresentar ao leitor, deixando de lado o tradicional modo técnico de escrita jornalística que utiliza a de pirâmide invertida.

A preocupação com este jornalismo cada vez mais engessado deu origem, na época de 60, nos Estados Unidos, a uma nova tendência de fazer jornalismo. O chamado Novo Jornalismo trouxe uma nova maneira de relatar fatos e informações cotidianas através de uma mistura da narrativa jornalística e literária, sem perder o intuito de informar.

Mesmo não tendo definido isso em sua linha editorial, a Revista Piauí, uma das revistas brasileiras mais “consumidas” na atualidade, apresenta características semelhantes as que se destaca o jornalismo literário. Por isso, com o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre o jornalismo literário e tendo como problema de pesquisa a verificação de como são narrados os fatos nas reportagens da revista Piauí, objetiva-se com este trabalho, realizar uma análise de algumas reportagens da revista, procurando verificar se há a presença de características do jornalismo literário, através do conceito de Estrela de Sete Pontas do autor Felipe Pena (2016), nas reportagens da revista.

A análise do objeto de pesquisa será feita a partir do conceito de Estrela de Sete Pontas, cunhado por Felipe Pena (2016). Com base neste conceito, o qual busca uma caracterização para o jornalismo literário, será possível analisar as reportagens jornalísticas, procurando nelas tais características, vendo finalmente se podem ser definidas, através da visão de Pena, como jornalismo literário ou não.

Jornalismo x literatura: relações e diferenças

O jornalismo e a literatura sempre foram tema de discussão entre profissionais, teóricos e pesquisadores, devido ao fato de dividir opiniões acerca de suas relações. O

discurso mais presente de distinção entre as duas áreas, é a de que o jornalismo deve retratar a realidade se apoiando na produção de conteúdo que garanta uma noção de verdade. Já a literatura, é a área que permeia o caminho da ficção.

Para Moacyr Scliar,

O jornalismo mostra que a objetividade é essencial, que o negócio é ir direto ao ponto [...] agora, acho sim, que a literatura pode ensinar algo ao jornalismo. Em primeiro lugar, a cuidar da forma, a escrever e reescrever. Também ensina a privilegiar a imaginação – mas não de mais: realidade é realidade. Ficção é ficção. Há sim uma fronteira entre jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência (SCLIAR, 2002, p.14).

O diálogo existente entre jornalismo e literatura iniciou no século XVIII. Ao longo da história, suas ideias se unem, mas também são distintas. Cada um dos gêneros possui especificidades próprias, com técnicas e estilos diferenciados. “[...] apesar dos elementos em comuns, mantêm técnicas diferenciadas”(MEDEL, 2002, p.16). De acordo com Medel, “há dimensões da literatura que pouco ou nada têm a ver com o jornalismo, dimensões do jornalismo alheias às práticas literárias e um espaço compartilhado no qual não é tão fácil distinguir um e outro tipo de discurso” (2002, p. 23). Para o autor a diferença entre as duas formas de comunicação está em que o jornalismo faz a análise a partir dos fatos, enquanto a literatura se fundamenta na imaginação, acrescentando elementos que enriquecem o texto, ou seja, faz uso de diálogos, descreve cenas e ambientes.

Segundo Pena (2016), ambos, literatura e jornalismo, pertencem à mesma árvore genealógica. Assim como Beltrão (2007) que acredita que se o objetivo principal do escritor é levar a informação de forma organizada e bem escrita, o texto pode ser sim considerado jornalismo literário.

Costa (2015), no entanto, defende que a distinção entre as duas áreas está na missão do jornalismo narrar os acontecimentos. Assim, para a autora, as diferenças entre jornalismo e literatura se baseiam em dois mitos: o da objetividade da imprensa e o da autonomia da ficção, entendida como categoria estética.

Já para Nanami Sato (2002), o profissional jornalista, acostumado a fazer recortes diários daquilo que considera realidade, tem o dever de divulgar o que considera mais

importante sobre o fato narrado, assim podendo também construir a notícia no formato que entender ser a melhor interpretação do fato.

Apesar da vocação para o “real”, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção. Além disso, o jornalismo precisa de esquemas para a captação de notícias, dos quais a fonte é uma das principais. As fontes podem constituir posições estereotipadas (SATO, 2002, p.32).

No jornalismo literário são contadas histórias, só de que uma forma mais articulada e que se desliga dos padrões tradicionais de escrita jornalística. As histórias contadas visam passar a emoção dos personagens envolvidos com o fato. Nos textos jornalísticos literários, a essência do jornalismo se mantém, mas a intensidade também ganha espaço. O jornalista apresenta ao leitor o modo de vida das pessoas envolvidas no que é a notícia. Visa o modo que agem, a forma que veem o mundo, as opiniões que carregam e as realidades e ambientes em que estão inseridos. A superficialidade dos textos perde espaço e abre-se espaço para a “identificação” do leitor com os personagens.

Conforme Piza,

reportagens, em princípio, não podem ser parciais e enfeitadas, mas isso não pode justificar que sejam escritas de modo rudimentar e reducionista. Algum teor autoral é importante porque, numa era em que há tantas fontes de informação, a diferenciação da escrita é o que poderá manter a atenção do leitor (PIZA, 2002, p.135).

O jornalista literário retrata a realidade do cotidiano, mas normalmente aquilo que está escondido por trás dos fatos. Com escrita literária meras histórias, de poucas linhas e sem aprofundamento, viram algo diferente e que atraem o leitor e o leva conhecer os desdobramentos do acontecimento, tendo uma profunda experiência da realidade.

Lima (1995, p. 16) assegura que o jornalismo literário desempenha um papel importantíssimo em preencher lacunas deixadas por outros veículos de comunicação, como jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão. “Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o

aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística” (LIMA, 1995, p. 16).

Jornalismo Literário

Quando o termo jornalismo literário vem à cabeça, já se imagina um texto mais elaborado, escrito a partir de uma visão diferenciada do fazer notícia. De fato, o jornalismo literário busca a excelência na linguagem por meio da narrativa. E esse “novo” modo de fazer jornalismo se propagou pelo mundo inteiro com variados nomes, como “Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção” (LIMA, 2018), entre outros.

Quando falamos em *Jornalismo Narrativo*, estamos nos remetendo ao grupo da Fundação Nieman, o braço jornalístico da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, particularmente ao período em que esta fundação foi dirigida pelo docente Mark Kramer, no início dos anos 2000. O termo *Literatura Realidade* remete a um dos grandes expoentes da prática, o estadunidense Gay Talese, que entende que o jornalista pode empregar recursos literários para reportar melhor a realidade que está cobrindo. Já *Literatura Criativa de Não Ficção* é uma tradução do espanhol *Periodismo informativo de Creación*, que remete à escola *Fundación Gabriel García Marquez* para *El Nuevo Periodismo Iberoamericano* (MARTINEZ, p. 25, 2017).

O jornalismo literário procura, sem abrir mão de uma apuração ética e criteriosa, construir ferramentas que permitam ao profissional em comunicação apresentar a realidade de uma forma diferenciada, conforme afirma Pena (2016). Além disso, o gênero oferece recursos inspirados na literatura que permitem a construção de narrativas mais atraentes, resultando em textos envolventes, criativos e humanizados.

Desta forma, o papel do jornalista literário difere do jornalista de mercado, pois o jornalismo literário envolve a narração de uma história, uma novidade ou mesmo um relato. O gênero se diferencia exatamente por abordar aspectos da vida social, de interesse da sociedade, tratando de fatos específicos e precisos para se tornar uma abordagem jornalística sem perder o foco tradicional de um meio de informação. Conforme Pena (2016), o jornalismo literário nada mais é do que a humanização ao relatar fatos e personagens de uma forma envolvente que atraia o leitor. O estilo abrange o mundo real, amplia a visão de realidade e descreve os momentos.

Pena (2016) ainda ressalta que o jornalismo literário trata-se de um meio de ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, partindo para uma apuração mais minuciosa dos fatos e uma visão mais ampla da realidade, rompendo com a periodicidade. O estilo literário de se fazer jornalismo não se trata apenas de se desligar da redação. A partir gênero se criam novas alternativas, se contribui para uma maior formação do cidadão e se estabelece um compromisso com a sociedade de relatos mais profundos que evitem a superficialidade.

“O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias.” (PENA, 2016, p.13).

Na mesma linha, Borges (2013, p. 186) afirma que “o jornalismo literário, de muitas formas, em inúmeros momentos, teve a coragem de desempenhar o papel de ‘advogado do diabo’, pondo o dedo em feridas de cicatrização enganosa”. Lima (1995, p. 7) acrescenta que o produto expande-se para além do trabalho cotidiano da mídia e também se infiltra em campos pouco abordados pela imprensa como um todo, proporcionando ao leitor uma “viagem pelo conhecimento da contemporaneidade”.

A estrela de sete pontas

Para explicar melhor de que forma compreende o jornalismo literário, o autor Felipe Pena criou a definição Estrela de Sete Pontas. “São diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela.” (PENA, 2016, p. 13).

De acordo com Pena (2016, p. 13-15), o jornalismo literário é como uma Estrela de Sete Pontas, que só funciona quando todas as características estão presentes. Diante deste conceito, ele destaca a primeira ponta da estrela como potencializar o conhecimento absorvido no jornal diário. Nesta “ponta” estão incluídas a checagem de informação, abordagem ética, apuração exaustiva e a observação atenta. A segunda ponta se encarrega de ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ou do factual. Nesse caso, o repórter não tem mais *deadline*⁵ de entregar o material no fechamento da edição, ou seja, não tem periodicidade e

⁵Tempo máximo para realização de uma tarefa jornalística. Prazo final.

atualidade. A terceira característica visa proporcionar ao leitor uma ampla visão da realidade. “A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação de forma mais abrangente possível” (PENA, 2016, p. 14). A quarta ponta da estrela se volta ao compromisso social do jornalismo, o de exercer a cidadania. A pauta deve ser relevante a ponto de contribuir para a comunidade e com a formação do cidadão. Sem fórmulas prontas, a quinta característica do gênero é quebrar com o lead. No jornalismo literário, não há uma maneira indicada de iniciar o texto, uma vez que com o aprofundamento e uma abordagem mais complexa, as seis questões básicas das notícias se transformam em muito mais perguntas a serem respondidas ao longo do texto. Em sexto, Pena compreende que se evita o uso dos “definidores primários”, ou seja, evita-se aquelas fontes oficiais (que exercem alguns cargos públicos ou especialistas como professores universitários, advogados, psicólogos, economistas, etc.) que sempre aparecem na imprensa e complementam as notícias. “Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que estão legitimados neste círculo vicioso” (PENA, 2016, p. 15). Neste aspecto, o jornalismo literário se preocupa muito mais com as histórias de pessoas “comuns”, pessoas da vida real, as fontes anônimas. Por último, a sétima estrela volta-se a perenidade. O texto deve permanecer por gerações, influenciando e servindo de aprendizado no contexto social daquele local (PENA, 2016).

Além dessas características, para o autor o que distingue o conceito é uma questão linguística.

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformando-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata de oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia (PENA, 2016, p. 21).

De acordo com informações retiradas da plataforma online (site) da revista, a *Revista Piauí* é uma publicação mensal é muito conhecida por “optar por um jornalismo com o privilégio do tempo”, como se qualificam em sua página da internet. A revista é editada pela Editora Alvinegra, e distribuída pelo Grupo Abril.

A *Piauí* foi idealizada fundada pelo documentarista João Moreira Salles em outubro de 2006. Com uma estrutura inovadora, em seu enredo, traz pautas pouco convencionais produzidas com narrativa ficcional. Opta também por abordar temas da contemporaneidade de uma maneira mais detalhada.

Mesmo nunca tendo assumido publicamente que segue o jornalismo literário, as matérias, produções e forma de narrativa retratam essa forma da publicação, explica o site Observatório da Imprensa.

Aliado ao caráter inovador e literário da revista, a diagramação e planejamento visual é voltada para uma maneira mais artística do que outras publicações costumeiras. Em sua maioria, as capas não trazem fotos nem manchetes, apenas ilustrações e o título das principais matérias.

Ainda segundo o site do Observatório da Imprensa, além de não seguir uma linha editorial definida, a *Piauí* possui um quadro de editorias mutáveis, tendo apenas algumas seções fixas. Outra característica da revista é a diagramação não é fixa, feita de acordo com o conteúdo de cada edição. Mas o maior diferencial da revista está em sua narrativa. As matérias da *Piauí* não seguem as normas utilizadas no jornalismo tradicional, como o lead por exemplo. O discurso utilizado na revista carrega marcas irônicas, poéticas e literárias.

A análise através da estrela de sete pontas

Esta pesquisa tem como objetivo analisar se há a presença de características literárias nas reportagens da Revista Piauí e se a mesma pode ser definida como uma revista voltada a produção de jornalismo literário. Visando uma forma de análise do fazer jornalístico empregado nessas reportagens, a metodologia utilizada na pesquisa será de análises através de categorias construídas para este fim, utilizando o conceito da Estrela de Sete Pontas cunhado pelo autor Felipe Pena. Dessa forma, a leitura dos conteúdos produzidos na revista passa a não

ser somente objetiva e leiga, mas passa a ser conduzida e voltada a um olhar mais interpretativo, este apresentado por um especialista da área.

Com base no objeto de estudo da presente pesquisa, que trata da análise de uma amostragem de reportagens da revista Piauí, atenta-se para tarefa de verificar se esses conteúdos de fato atendem às demandas para serem caracterizados como sendo jornalismo literário, de acordo com sete características estabelecidas por Felipe Pena (2016).

Consideramos como sendo de extrema importância para a comunidade que a análise seja realizada a partir dos conceitos de Pena, realizando uma investigação mais profunda e precisa sobre o conteúdo das reportagens, para que, ao se afirmar se o conteúdo é ou não jornalismo literário, possa se ter mais certeza do que se afirma, com maior força de argumentação.

Para que de fato o conteúdo seja considerado jornalístico literário é necessário que o mesmo se enquadre dentro de características próprias do conceito. Por isso, os critérios de Pena serão fundamentais na construção da análise. Ao todo são aplicados sete critérios que explicam o que diferencia o jornalismo literário do jornalismo do dia a dia. Para Pena(2016), o conceito de jornalismo literário vai muito além de fugir das amarras da redação, se tornando um conceito muito amplo. Como cita “no dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2016, p. 13).

Para Pena a estrela de sete pontas é definida como sete itens diferentes, que são imprescindíveis e formam um conjunto harmônico e místico, assim como uma estrela de fato é. Essas características são: potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites dos acontecimentos; proporcionar uma visão mais ampla da realidade; exercitar a cidadania; romper com as correntes do lead; evitar os definidores primários; busca da perenidade.

Amostragem

Pela escolha do objeto, a pesquisa utiliza uma técnica de amostragem qualitativa. Nesta abordagem, “o termo utilizado para a parte da população de objetos estudados é *corpus*. [...] As formas obedecem a critérios conceituais e não levam em conta a representatividade do material” (HERSCOVITZ, 2010, p. 129).

A pesquisa se dará através da análise da amostragem intencional, sendo consideradas três reportagens de diferentes editorias, publicadas em diferentes meses do ano de 2018 na Revista Piauí. Como dito anteriormente, o objetivo geral desta pesquisa é analisar se as reportagens divulgadas na Revista Piauí podem ser classificadas como jornalismo literário, de acordo com as categorias estabelecidas por Felipe Pena (2016).

A primeira reportagem escolhida é intitulada “Feliz ano velho” da editoria de política e foi publicada no mês de janeiro de 2018.

A segunda reportagem “O fim das cobaias” foi publicada no mês de fevereiro de 2018 e contempla a editoria geral.

A terceira e última reportagem escolhida é “O que significa morrer?” da editoria de saúde, publicada no mês de abril de 2018.

Considerações finais

Após descrever e analisar as três reportagens de diferentes editorias da Revista Piauí, que constituem a amostragem deste estudo, é possível destacar, em primeiro lugar, que a Revista Piauí mensal se preocupa com a publicação de matérias de interesse público, caracterizando-se em primeiro lugar como jornalismo. Em todas as reportagens analisadas percebe-se que os assuntos são voltados ao cotidiano e abordam temas que geram discussão e estão ligados direta ou indiretamente aos leitores, assim cumprindo o dever de exercitar a cidadania.

Podemos notar nas reportagens também o maior uso de fontes não oficiais, ou seja, de pessoas comuns, que embora às vezes não tenham uma formação sobre o assunto abordado, tem opinião e podem sim colaborar com o desenvolvimento do texto e daquele tópico. Além disso, a valorização das fontes não oficiais faz com que o leitor se identifique com o material lido, assim encontrando outras razões para continuar lendo o material produzido pela revista.

Ainda, é possível identificar a preocupação com o conteúdo das reportagens. Nota-se que há uma apuração mais rigorosa e uma observação atenta aos fatos narrados. Para tanto, se faz necessário um tempo maior de produção do conteúdo, o que demonstra uma ruptura com o

deadline. Assim, nota-se que as reportagens visam contextualizar a informação da forma mais abrangente possível.

Dessa forma, tendo como base os estudos teóricos acerca do jornalismo literário e também a análise realizada a partir das categorias de Pena (2016), é possível chegar ao alcance do objetivo geral deste trabalho. Por obedecerem às características apresentadas no conceito de Estrela de Sete Pontas, pode-se afirmar que as reportagens retiradas da Revista Piauí, objeto de estudo dessa pesquisa, caracterizam-se como jornalismo literário através da visão de Pena (2016).

Respondendo-se, portanto, o problema de pesquisa proposto para este estudo, acredito que os objetivos da pesquisadora, de apresentar um conteúdo relevante dentro do campo do conhecimento científico e que possa contribuir para o aprendizado acadêmico, foram alcançados. O que almeja-se é que este estudo possa servir como base para futuras investigações neste campo, compreendendo que o mesmo não esgota-se aqui, mas que muito mais ainda pode derivar do mesmo.

Referências bibliográficas

BORGES, Rogério. *Teoria e análise*. Florianópolis: Insular, 2013.

CANIÇALI, Daniela. *O jornalismo que procedeu e inspirou a revista piauí*. Ufrgs, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro2013/artigos/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornalismo-que-precedeu-e-inspirou-a-revista-piaui>>. Acesso em: 16 abril 2018.

COSTA, Lailton Alves da. *Gêneros jornalísticos*. In: ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *Análise de conteúdo em jornalismo*. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIMA, Edvaldo P. *Memória do futuro: Jornalismo literário avançado no século XXI*. Disponível em: <<http://edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/artigos/212-memoria-do-futuro-jornalismo-literario-avancado-no-seculo-xxi>>. Acesso em: 15 abril 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MARTINEZ, Monica. *Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas*. In: INTERCOM, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2017.

MEDEL, Manuel A. Vázquez. *Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PIZA, Daniel. *Jornalismo e literatura: dois gêneros separados pela mesma língua*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

SATO, Nanami. *Jornalismo, literatura e representação*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

SCLIAR, Moacir. *Jornalismo e literatura: a fértil convivência*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.